

INVESTIGAÇÕES SINTÁTICAS DAS ORAÇÕES INTERROGATIVAS DO PORTUGUÊS CLÁSSICO

PATRÍCIA TESSMANN¹; ANDRÉ LUIS ANTONELLI²

¹ Universidade Federal de Pelotas, patriciatessmann@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas, andre.antonelli@ufpel.edu.br

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por finalidade apresentar uma descrição e análise sintática sobre as orações interrogativas do português clássico. Foram investigadas as orações interrogativas Q (ou wh) matrizes, que se caracterizam por manifestarem um sintagma interrogativo, tal como “por que”, “o que”, “quem”, “onde”, “quando”, “como” etc.

METODOLOGIA

Num primeiro momento da pesquisa, foi feita a coleta dos dados. Nessa etapa, foram extraídas, a partir de um corpus pré-determinado, todas as orações interrogativas Q matrizes. O corpus de investigação foi a primeira edição do Novo Testamento da tradução da Bíblia para o português realizada por João Ferreira de Almeida. Foi utilizada uma versão fac-similada, disponível em formato eletrônico no site da Biblioteca Nacional de Portugal (<http://purl.pt/12730>).

No segundo momento, foi realizada a classificação dos dados, nessa etapa, foram classificados os diferentes tipos de sintagma que compõem a ordem de palavras dos dados coletados.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO

No corpus investigado, foram extraídas 596 sentenças interrogativas Q matrizes. Deu-se atenção especial para a questão da posição ocupada pelo verbo finito, pelo sujeito e pelos diferentes marcadores interrogativos. Observou-se uma variação importante no que diz respeito à ordem linear do sujeito. Nas que apresentam o objeto direto funcionando como marcador interrogativo, a ordem de palavras verbo-sujeito (VS) é categórica, como se vê em (1) e (2).

1. Ou *que* **dará** o homem por resgate de sua alma? (Marcos 8:37)

2. Mas *que* **diz** a Escritura? (Gálatas 4:30)

Se pré-verbal, o sujeito aparece unicamente anteposto ao elemento *wh*, como atestado em (3).

3. tu *que* **dizes** daquelle que te abriu os olhos? (João 9:17)

Com relação às orações com objeto *wh*, nossa proposta é que tanto o elemento interrogativo quanto o verbo se movam para a camada CP, o primeiro ficando em SpecFocP e o segundo se movendo até Foc^o, em um paradigma similar ao que tem sido proposto para orações com objeto *wh* no italiano (cf. RIZZI, 1997). Nessa configuração, o sujeito ou permanece numa posição mais baixa (SpecIP, por exemplo), derivando a ordem WH-V-S, ou é gerado em uma posição de tópico acima de FocP, assim explicando a sequência S-WH-V. Além disso, a relação especificador-núcleo entre o constituinte *wh* objeto e o verbo também explicaria a impossibilidade de XPs intervenientes.

Orações interrogativas com um elemento interrogativo adjunto apresentam um padrão diferente. Sujeitos pós-verbais também foram atestados, como exemplificado em (4) e (5).

4. E *porque atentas* tu pera o argueiro que está no olho de teu irmão (Mateus 7:3)

5. Porque **bramaõ** as gentes, e os povos pensaraõ cousas vans? (Atos 4:25)

Entretanto, estruturas SV são bastante comuns, em particular a ordem de palavras em que o sujeito aparece entre o elemento *wh* e o verbo. Em (6) e (7) temos exemplos dessa ordem de palavras.

6. *porque* nos e mais os Phariseos **jejuamos** muitas vezes, e teus discipulos não jejuam? (Mateus 9:14)

7. *porque* teus discipulos não **andaõ** conforme a tradiçaõ d'os antigos? (Marcos 7:5)

Também é observada a ordem de palavras em que o sujeito precede o elemento *wh* adjunto, como se vê em (8) e (9).

8. Mas tu, *porque julgas* a teu irmão? (Romanos 14:10)

9. O baptismo de Joaõ *donde era*? (Mateus 21:25)

Observamos ainda uma outra diferença importante entre orações *wh* objeto e orações *wh* adjunto. No primeiro grupo, embora o sujeito não possa quebrar a adjacência entre o constituinte interrogativo e o verbo, atestamos que certas conjunções coordenativas podem aparecer como elementos intervenientes. O exemplo (10) ilustra esse padrão.

10. *que* pois **farei** de Jesus, *que* se diz o Christo? (Mateus 27:22)

No exemplo (10), propomos que a conjunção coordenativa está associada ao verbo finito em Foc^o, funcionando como um clítico. Isso aconteceria após o movimento de V para C. Como era de se esperar, em decorrência da hipótese de que as conjunções coordenativas são clíticas, também foram encontrados clíticos genuínos intervindo entre o constituinte interrogativo objeto e o verbo finito. Em (11), temos um exemplo.

11. *que* vos **mandou** Moyses? (Marcos 10:3)

Em relação aos pronomes clíticos, propomos que eles também estão adjungidos ao constituinte verbal, não bloqueando desse modo a relação especificador-núcleo entre o verbo e o elemento *wh*.

Em sentenças com constituinte interrogativo adjunto, também foram encontradas conjunções coordenativas entre o elemento *wh* e o verbo, bem como clíticos. O exemplo a seguir ilustra essas duas possibilidades.

12. *Porque* pois lhe não **destes** credito? (Marcos 11:31)

Entretanto, contrariamente a estruturas com um elemento *wh* objeto, as sentenças com um marcador interrogativo adjunto também permitem que sintagmas plenos fronteados intervenham entre o sintagma *wh* e o verbo. Esse padrão é exemplificado em (13).

13. E *porque* também a toda ora **entramos** em perigo? (1 Coríntios 15:30)

Nas orações interrogativas com constituinte *wh* adjunto, o marcador interrogativo se comporta como o elemento *perché* “por que” no italiano. RIZZI (2001) mostra que *perché* não tem como alvo de movimento a posição SpecFocP, visto que sua ocorrência é compatível com a presença de um constituinte focalizado linearmente à sua direita, como o contraste em (15) exemplifica.

(15) a. *Perché* QUESTO **avremmo** dovuto dirgli, no qualcos'altro?
Por que devíamos ter lhe dito ISTO, e não outra coisa qualquer?

b. *QUESTO *perche* **avremmo** dovuto dirgli, non qualcos'altro?

Fica claro que os fatos relacionados às orações *wh* adjuntas no português clássico são passíveis de uma análise similar. Assim, um elemento *wh* adjunto ocupa SpecIntP, sem manifestar uma relação especificador-núcleo com o verbo, já que nesse contexto não haveria movimento de V para C. Como no italiano, essa proposta deriva a possibilidade de sujeitos pré-verbais e a presença de XPs intervenientes quebrando a adjacência entre o constituinte *wh* e o verbo finito, independentemente de os elementos intervenientes serem clíticos ou não. Com relação a sujeitos pós-verbais, podemos assumir que eles se encontram *in situ*, dentro da camada de VP (cf. ANTONELLI, 2011).

CONCLUSÃO

As interrogativas Q do português clássico se dividem em dois grupos no que diz respeito à posição do sujeito e do verbo. Um mostra o movimento do verbo para a periferia da sentença, não autorizando a ordem SV. O outro não manifesta esse tipo de movimento do verbo, permitindo a ordem SV. No primeiro grupo, encontram-se as interrogativas em que o constituinte Q é um objeto direto. Nelas, o verbo estabelece uma relação especificador-núcleo com o elemento Q. Pronomes clíticos associados ao constituinte verbal não bloqueiam a adjacência entre o constituinte Q e o verbo. No segundo grupo, encontram-se as orações com um constituinte *wh* adjunto. Nelas, não há uma relação especificador-núcleo entre o verbo e o elemento Q, explicando assim a possibilidade da ordem SV.

Referências Bibliográficas

ANTONELLI, André. **Sintaxe da posição do verbo e mudança gramatical na história do português europeu**. 2011. Tese (Doutorado) – UNICAMP.

RIZZI, Luigi. The fine structure of the left periphery. In HAEGEMAN, L. **Elements of grammar**. Dordrecht: Kluwer, 197.

RIZZI, Luigi. On the position 'int(errogative)' in the left periphery of the clause. In CINQUE, G; SALVI, G. **Current studies in italian syntax: essays offered to Lorenzo Renzi**. Amsterdam: Elsevier, 2001.